

UERJ em Questão

Jornal Trimestral
outubro / novembro /
dezembro de 2012
Ano XIX • Nº 96

Redecomep começa a funcionar em caráter experimental no *campus*

Com os primeiros testes realizados em 4 de novembro, a UERJ está a um passo de ser a primeira instituição no estado do Rio de Janeiro a ter a Redecomep (Redes Comunitárias de Educação e Pesquisa) ativada. Ainda em caráter experimental, a conexão de 1 Gigabites por segundo, que equivale a 1.000 megabits por segundo, está disponível para os usuários do *campus* Maracanã, em substituição à capacidade anterior de 210 Mbps. Projeto viabilizado pelo governo do estado através da Faperj, junto com a Rede Rio e a Rede Nacional de Pesquisa, a Redecomep está presente hoje em 17 cidades ligadas por redes de fibra ótica, que contribuem para elevar a capacidade de conexão de instituições de pesquisa e de ensino. > **Página 4**

Quase 2 mil trabalhos no UERJ sem Muros 2012



Em 2012 a 23ª edição do UERJ sem Muros reuniu 627 trabalhos da área de graduação, 875 de pós-graduação e pesquisa e 445 de extensão e cultura produzidos por estudantes dos vários cursos da Universidade. O público que circulou pela feira de prestação de serviços, projetos culturais e oficinas também pôde visitar exposições de pôsteres e assistir experimentos no Espaço Ciência. Demian Lamblet Pinto, estudante do quarto ano da Escola Superior de Desenho Industrial (EsdI), foi o autor da nova marca depois de vencer o Concurso de Conceito Gráfico UERJ sem Muros com o projeto intitulado *Off the wall*.

> **Página 5**

Universidade participa do Plano Estratégico de Fronteiras



Uma equipe de profissionais que incluiu o presidente e a pedagoga da Associação Brasileira de Alcoolismo e Drogas (Abrad), Jorge Jaber e Ângela Hollanda, e a professora Sylvia Cibreiros, da Faculdade de Enfermagem da UERJ, participou em agosto de uma operação da Força Aérea Brasileira (FAB) na fronteira sul do País. A proposta da ação é desenvolver um trabalho de tratamento e prevenção ao uso de drogas. A professora da Enfermagem participou como especialista em prevenção e promoção da saúde de crianças e adolescentes

> **Página 6**

Embarcação multiuso

Protótipo apresenta embarcação projetada pela Oceanografia que servirá a pesquisadores das várias áreas que estudam o litoral do estado do Rio de Janeiro.

> **Página 2**

Para a melhoria da qualidade de vida

Os Indicadores de Inovação, Prospecção, Trabalho e Renda desenvolvidos pelo Departamento de Inovação, vinculado à Sub-reitoria de Pós-graduação e Pesquisa foi a ferramenta de avaliação e estudo aplicada em comunidade do Complexo da Maré. A metodologia pretende contribuir com ações inovadoras que resultem em novos postos de trabalho e na geração de renda.

> **Páginas 8 e 9**



Lixo que é Luxo

UERJ e UFRJ desenvolvem trabalho em parceria no Programa Rio Capital da Energia, iniciativa da Secretaria de Estado de Desenvolvimento Econômico, Energia, Indústria e Serviços (SEDEIS).

> **Página 12**

Estrangeiros aprendem português no Instituto de Letras

O Núcleo de Pesquisa e Ensino de Português como Língua Estrangeira e Segunda Língua (Nupples), do Instituto de Letras, oferece desde 2010 atividades de ensino e formação em Português para Estrangeiros para graduandos e pós-graduandos em Letras. O projeto, em parceria com o Programa Licom (Línguas para a Comunidade), está voltado para os alunos de intercâmbio da Universidade e também para estrangeiros residentes no Brasil.

Coordenador e criador do Nupples, o professor Alexandre do Amaral Ribeiro, do Departamento de Língua Portuguesa, Literatura Portuguesa e Filologia, conta que existia interesse em oferecer o curso, e o fato de ter sido procurado, em 2009, por uma aluna de especialização em Língua Portuguesa que queria fazer seu trabalho de conclusão de curso sobre o ensino do português para estrangeiros foi determinante: "A partir daí formulei o projeto, que previa a possibilidade de oferecer aos alunos de graduação uma oportunidade de estudo do ensino do português, não apenas como língua materna, mas também como segunda língua".

As aulas de Português como Segunda Língua para Estrangeiros (PL2E) são em português, sob a responsabilidade de bolsistas de Iniciação à Docência. O curso, com duração de dois anos, está estruturado em quatro níveis. São cerca de 20 alunos por turma, a maioria de língua espanhola. Os demais são italianos, gregos, israelenses, egípcios, marroquinos, americanos e turcos, entre outras nacionalidades. O professor explica que, para eles, o português é considerado uma segunda língua porque estão imersos nela, utilizando-a diariamente para um objetivo específico, diferente se estivessem estudando em seu país de origem. Durante as aulas os estudantes aprendem também um pouco da cultura brasileira: "Não basta ensinar a língua isoladamente, pois ela não é dissociada da cultura local. É importante saber, por exemplo, o que é ofensivo ou não dizer no Brasil".

Alexandre Ribeiro supervisiona todas as aulas e as prepara em conjunto com os bolsistas, abordando diferentes teorias de ensino de línguas para estrangeiros de forma a lidar com a diversidade de alunos. A própria equipe desenvolve



o material didático a ser utilizado e promove eventos para consolidar a inserção da UERJ na área. O professor acrescenta que o Núcleo também é importante devido ao processo de internacionalização da UERJ: "Como não é cobrada proficiência prévia dos intercambistas, é por meio desse projeto que a Universidade pode recebê-los. Alguns já estudaram português antes, outros não. Sem o curso eles não têm condições de assistir às aulas". Segundo o pesquisador, as dificuldades com o português variam conforme a língua materna. Para os falantes de espanhol, por exemplo, não há diferença entre "ó" e "ô", o que faz com que "avó" e "avô" pareçam ter a mesma pronúncia. Já para os asiáticos a dificuldade maior pode estar na ordem das palavras na frase ou no uso de artigos.

O número de estrangeiros interessados em aprender português do Brasil está aumentando. Em 2000, o Ministério da Educação recebeu aproximadamente mil inscrições para o Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros (Celpe-Bras). Em 2011, esse número chegou a quase sete mil. Na opinião de Alexandre Ribeiro, o aumento da procura se deve tanto pela proximidade

da Copa do Mundo e das Olimpíadas como pela disseminação da cultura brasileira no mundo e à atual posição do Brasil na conjuntura internacional.

Aos alunos do curso regular é oferecido gratuitamente o curso de produção textual. O Departamento oferece também um curso de extensão para o aperfeiçoamento de professores de português para estrangeiros. A ideia é preparar futuros profissionais e bolsistas em potencial para assumir as bolsas com certa experiência no assunto. Com o aumento do interesse, o Departamento de Língua Portuguesa passou a oferecer uma disciplina eletiva de português para estrangeiros.

Olhar estrangeiro

O professor conta que a receptividade dos alunos é muito boa: "Eles vêm com uma ideia de ensino de língua com metodologias voltadas para a repetição. Alguns têm receio de entrar no nível 2 (há uma prova de nivelamento), mas com as aulas mudam de opinião e se tornam mais confiantes".

O espanhol José Antonio Torres está no Brasil há quatro meses e é aluno do curso de Biologia. "O Rio de Janeiro é o

lugar com maior biodiversidade na área que estou estudando, que é ornitologia", justifica. Veio para o Brasil sem saber a língua e diz que a maior dificuldade é a diferença entre os sons das letras "s" e "z", que em espanhol são iguais.

A suíça Karin Kryenbühl já veio ao Brasil outras três vezes, para passear e fazer trabalho voluntário. Há dois meses no Rio de Janeiro, a viagem agora tem como finalidade o estudo da língua portuguesa. "Estou gostando muito do curso. Saber o espanhol me ajudou no aprendizado do português, mas também torna difícil porque a pronúncia é diferente", diz a estudante, que deve retornar à Suíça em fevereiro de 2013.

Vinda de Barcelona, Laura Gonzalez Sainz veio para o Brasil acompanhando o namorado, que estuda na UFRJ. Ela conta que pediu licença no trabalho e aproveitou a temporada no Rio de Janeiro para aprender dança afro. Formada em Ciências Ambientais, ela aponta como mais difícil no aprendizado do idioma o fato de a escrita ser diferente da pronúncia. "Procuo ouvir música acompanhando a letra, prestando atenção nas gírias. Como sou professora de espanhol, gosto de refletir sobre a língua", finaliza.